

LITERATURA BRASILEIRA
Textos literários em meio eletrônico
Sermão XIII,
de Padre António Vieira.

Texto Fonte:

Editoração eletrônica:
Verônica Ribas Cúrcio

Assimilatum est regnum caelorum homini regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis(1).

Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti(2).

I

Se alguma coisa faz a vida molesta, se alguma mais que todas faz a morte temerosa, é a conta que todos os homens havemos de dar a Deus. Pouco tinha que temer a morte, se depois dela se não seguira o Juízo; e facilmente se podia passar a vida, se a não aguardara no fim o exame rigoroso de todas os atos dela. Mas como poderá obrar com gosto quem lhe hão de pedir conta de todas as obras? Como poderá falar com confiança quem lhe hão de pedir conta de todas as palavras? Como poderá nem ainda imaginar com liberdade quem lhe hão de pedir conta de todos os pensamentos? Isto é o que com temerosas circunstâncias nos representa hoje a Igreja no Evangelho próprio deste dia, de que é o primeiro tema que propus: Assimilatum est regnum caelorum homini regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis (Mt 18,23).- Compara-se Deus nesta parábola a um rei que tomou contas a seus servos. E se àqueles que o servem, e de quem se serve, toma contas, não se fiando da fidelidade e inteireza dos mesmos de quem confiou seu serviço, vede quão rigorosas serão as que tomará aos que o não servem. Servo de Deus era Davi, e servo nascido em sua casa: Ego servus tuus, et filius ancillae tuae(3) - e, contudo, tremendo dizia: Non intres in iudicium cum servo tuo, quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens (SI. 142,2): Não entreis, Senhor, em juízo com vosso servo, porque ninguém sairá justificado em suas contas, se vós lhas examinardes. - Servo de Deus era Jó, e o servo de quem Deus mais se fiava e se prezava: Numquid considerasti servum meum Job(4)? - E este mesmo Jó confessava de si, e de qualquer outro homem, que, se entrasse em juízo contencioso com Deus, nenhum have-ria que, de mil coisas de que Deus lhe pedisse conta, lha desse boa de uma só: Si voluerit contendere cum eo, non poterit ei respondere unum pro mille(5). - Assim sucedeu nesta parábola a um servo a quem o rei tomou contas. Alcançou-o não só em mil, senão em dez mil talentos, não tenda ele cabedal, nem remédio para satisfazer a menor parte de tamanha dívida: e este é o estado em que nos achamos todos.

Só duas pessoas houve neste mundo a quem Deus não alcançou em contas, que foram seu Filho e sua Mãe, os quais nunca contraíram dívida, porque nunca pecaram. E a felicidade singular deste mesmo Filho, Cristo, e desta mesma Mãe, a Virgem Santíssima, é o que temos no Evangelho da presente solenidade, de que eu propus o segundo tema: Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti (Lc. 11,27).- A razão geral por que na solenidade do Rosário canta a Igreja esta breve e compendiosa sentença, em que os louvores do Filho estão admiravelmente tecidos com os da Mãe, e os da Mãe unidos com os do Filho, é porque dos mistérios do mesmo Filho e da mesma Mãe se compõe o mesmo Rosário. Mas esta só razão não basta para dar suficiente motivo ao encontro do segundo Evangelho como primeiro. Se nós fôramos capazes de nos isentar da conta que Deus toma no primeiro Evangelho, como se isentaram dela no segundo o Filho impecável e a Mãe que nunca pecou, bom reparo nos ofereciam as isenções do segundo contra o perigo e temores do primeiro; mas, como todos somos pecadores, todos entramos na conta dos que a hão de dar a Deus, e muito rigorosa.

Contudo, eu, considerando os dois meios que logo veremos - com que o servo do primeiro Evangelho, vendo-se tão alcançado nas contas, soube sair bem delas, acho os mesmos nos mistérios do Filho e nas intercessões da Mãe, que são as duas partes do Rosário, a que o mesmo Filho e a mesma Mãe lançaram os primeiros fundamentos no segundo Evangelho. Concordados, pois, um e outro, e ajustadas as contas do Rosário com a conta que havemos de dar a Deus, a assunto e título do presente sermão será este novo provérbio: Quem quiser dar boas contas a Deus, reze pelas do Rosário. A dificuldade do argumento, tão grande como a novidade dele, necessitam de muita graça. Ave Maria.

II

Começou o rei a tomar contas aos criados - diz o Evangelho - e o primeiro a quem as tomou achou que lhe estava a dever dez mil talentos: Et cum coepisset rationem ponere, oblatus est ei unus, qui debebat ei decem millia talenta(6). - Talentos antigamente significavam certa soma de dinheiro, grande; hoje os talentos significam préstimos, e, posto que se lhes mudou a significação, não se variou o significado. Quem tem muito dinheiro, por mais inepto que seja, tem talentos e préstimos para tudo; quem o não tem, por mais talentos que tenha, não presta para nada. E quanto vinham a montar os dez mil talentos em que o criado do rei foi alcançado de contas? É coisa digna de assombro, e mais em tempo em que ainda se não tinham descoberto os Potussiz. Segundo a conta hebréia, em que Cristo falava, vinham a montar dez mil talentos, cento e vinte milhões de ouro da nossa moeda antiga, e, da presente, duzentos milhões. Pois, como é passível que tivesse tão grandes tesouros um rei, e que um só criado lhe tivesse roubado tanto? Duas razões acho no mesmo Evangelho a estes dois muitos, uma da parte do rei, outra da parte do criado. Da parte do rei, diz o Evangelho, que ele por sua própria pessoa tomava as contas: Homini regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis; et cum coepisset rationem ponere(7). - E um rei que toma as contas da sua fazenda por sua própria pessoa, e não as fia de outrem, não é muito que tenha milhões e milhares. E se a prova se não pode ver hoje nos milhões adquiridos, veja-se nos consumidos e desbaratados. Da parte do criado, diz o Evangelho que o rei, alcançando-o nas contas em tão enorme quantia, o mandou vender a ele, e a sua mulher; e a seus filhos: Jussit eum venundari, et uxorem ejus, et filios (Mt. 18,25).- Isto não o fez o rei por recuperar o perdido, mas por castigar o ladrão, porque depois de tamanha quebra, claro está que não havia de haver quem desse nada por ele. E porque foram também vendidos a mulher e os filhos? Porque a vaidade e apetites das mulheres, e as larguezas e loucuras dos filhos, são uma das principais causas porque os maridos e pais se endividam no que não podem pagar, e roubam o que não hão de restituir. E isto baste quanto à história e corpo da parábola.

Vindo ao espírito e interior dela, estas dívidas são os pecados. Assim lhe chamamos no Rosário quando dizemos: Dimitte nobis debita nostra(8). - E para um homem ser devedor a Deus de duzentos milhões não é necessário que os pecados se contem a milhares, nem a centos; basta um só pecado mortal. Esta é a verdadeira e sólida inteligência da parábola, e assim a declaram, sem discrepância alguma, todos os padres, todos os teólogos, todos os intérpretes. E que fez o pobre criado vendo-se tomado e convencido em tanto excesso de dívidas, e não só impossibilitado de cabedal para as satisfazer; mas condenado já pelo rei a ser vendido, e passar da largueza e senhorio do estado, em que tanto luzia com o alheio, à miserável servidão de escravo? Valeu-se industriosamente de dois meios, que são os mesmos - como dizia - de que se compõem as duas partes do Rosário. As duas partes do Rosário, mental uma, e vocal outra, compõem-se de mistérios e orações: nos mistérios valemo-nos dos merecimentos de Cristo; nas orações valemo-nos delas, e da intercessão de sua Santíssima Mãe. Aproveitando-se, pois, de semelhantes indústrias, o servo que tão alcançado se viu nas contas, com elas se remiu tão inteiramente do que devia, como se as tivera dado muito ajustadas. Vamos ao primeiro Evangelho- que é um claro e excelente comento do que a Igreja e a festa nos recomenda no segundo - e nele acharemos uma e outra indústria.

III

Convencido e condenado o devedor; lançou-se ao pés do rei, e disse-lhe estas breves palavras: Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi (Mt. 18,26): Tende, Senhor, paciência para comigo, e eu

vos pagarei tudo o que devo. - Isto é, letra por letra, o que soam as palavras, nas quais se oculta um mistério, que descoberto é altíssimo. Parece que este homem havia de pedir misericórdia ao rei, e não paciência; pois, por que não pede misericórdia nem perdão, do que devia, senão a paciência do rei somente, e debaixo dessa paciência lhe promete pagar toda a dívida: *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi?* - Torno a dizer que falou altíssimamente. Porque o rei era Deus, o qual é incapaz de paciência, porque não pode padecer; e uma vez que Deus chegasse a padecer e ter paciência, logo o servo tinha cabedal para lhe pagar toda a dívida, e muito mais.

Para perfeita inteligência deste grande ponto havemos de supor o que resolve e ensina a Teologia sobre duas famosas questões. A primeira é se bastava um puro homem que não fosse Deus para satisfazer e pagar de rigor de justiça pelos pecados dos homens? Ao que se responde com resolução certa e evidente que não, porque a paga há de ser proporcionada à dívida, e o pecado, pela parte que toca a Deus, a quem ofende, é dívida infinita. Logo, não se pode pagar com satisfação de valor finito e limitado, qual é o do puro homem, e esta é a razão por que diz o Evangelho que o homem devedor dos talentos não tinha cabedal para a paga: *Cum non haberet unde redderet* (Mt. 28,25). Suposto, pois, que homem que houvesse de pagar pelo pecado, necessariamente havia de ser Deus, a segunda questão é se bastava que fosse Deus com carne imortal e impassível? Ao que se responde com a mesma certeza que absolutamente bastava, porque as ações deste Homem-Deus quaisquer que fossem, sempre seriam de preço e valor infinito. Suposto, porém, o decreto divino, ensina a teologia e a fé que de nenhum modo bastaria, porque Deus tinha decretado de não aceitar outra paga pelo pecado dos homens menos que a morte e paixão de seu Filho. E essa foi a razão por que o mesmo Filho de fato encarnou em corpo mortal e passível, para poder padecer, como padeceu. E como o pecado do homem se não podia pagar sem Deus padecer, por isso o servo devedor, vendo-se alcançado nas contas, e impossibilitado para a paga, discreta e sabiamente disse ao rei, que era Deus: *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi*: Vós, Senhor, que sois impassível, tende paciência, e essa vossa paciência aplicai-ma a mim: *Patientiam habe in me* - que, como vós padecerdes por mim, logo eu terei cabedal para vos pagar quanto devo: *Et omnia reddam tibi*.

Bem mal cuidei eu, quando dei neste pensamento, que tivesse confirmação para ele. Mas depois achei que muitos anos antes o tinha escrito o doutíssimo Salmeirão, da nossa Companhia, e um dos primeiros fundadores dela. Enfim, que se o pensamento não é meu, é nosso. Vão as palavras, que não podem ser mais adequadas: *Modus quo quis omnia reddit est Deo patiente, et patientiam habente, qui pro nobis in cruce Deo plene satisfecit*(9): O modo - diz Salmeirão - com que o pecador paga a Deus as dívidas de seus pecados, é só a paciência do mesmo Deus, porque, fazendo-se Deus homem passível, e padecendo pelos pecados dos homens, só por este modo pôde satisfazer, e satisfaz plenariamente por todos. - De sorte que o nosso descargo todo consiste na sua paciência: *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi*. - Pois, assim como o servo do rei apelou para este único modo de satisfação, vendo-se alcançado nas contas, assim digo que por meio das contas de Rosário as daremos boas a Deus, porque nelas nos valem do cabedal da sua paciência, e trespassamos todas as nossas dívidas sobre o mesmo Deus, feito homem passível, para que ele as pague por nós com o preço do que padeceu em todos os passos e mistérios da sua vida e morte, que são os que no mesmo Rosário lhe oferecemos.

E para que não faça novidade ou dúvida este modo de trespassar as nossas dívidas a Cristo, para que nós as paguemos nele ou ele as pague por nós, ouçamos ao profeta Natã. Quando este profeta argüiu a Davi do pecado que tinha cometido contra Deus, no adultério de Bersabé e morte aleivosa de Urias, como ele arrependido respondesse: *Peccavi Domino* (2 Rs. 12,13): Pequei contra Deus - acrescentou logo o mesmo profeta: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum*: E também Deus, ó rei, trespassou o teu pecado. - Notai a palavra *transtulit*, trespassou. E para onde, ou para quem trespassou Deus o pecado de Davi? No texto hebreu ainda está mais claro: *Transire fait peccatum tuum a te*: Fez que o teu pecado passasse de ti. - Pois, se passou de Davi, para quem passou? Passou de Davi para Cristo, e este foi a trespasso. A dívida era conta de Davi, e a paga foi da conta de Cristo. No banco de Amsterdão metem ali os mercadores os seus cabedais, cada um com a sua conta à parte, e sem se contar dinheiro, só com um trespasso se fazem todos os contratos, e se pagam todas as dívidas,

carregando-se na conta de um o que se tira na do outro. Assim sucedeu a Davi, na dívida que contraiu pelo seu pecado: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum*. - Pagou a sua dívida por via de trespasso, porque a descarregou Deus da conta de Davi, e a carregou na de Cristo. Isto mesmo é o que se faz no Rosário.

Mas vejamos primeiro o modo tão admirável, como propriamente divino, com que no trespasso de nossos pecados se faz este descargo de nossas dívidas. Condenado el-rei Ezequias à morte, alcançou perdão de Deus, e os termos com que lhe rendeu as graças por esta mercê foram tão extraordinárias como ela: *Tu autem eruisti animam meam, ut non periret; projecisti post tergum tuum omnia peccata mea* (Is. 38,17): Eu, Senhor, bem merecia a morte; mas vós fostes tão piedoso comigo, que para me livrardes dela, lançastes os meus pecados detrás de vossas costas. - Lançarem-se os pecados de uns às costas de outros, não é coisa nova no mundo, antes a mais antiga de todas. Adão lançou a sua culpa às costas de Eva, e Eva lançou a sua às costas da serpente; e todos os filhos de Adão e Eva, para se desculparem a si, lançam as suas culpas às costas de outros. Isto fazem os homens. E Deus que faz, ou que fez? O que fez a Ezequias só foi uma semelhança do que fez por todos. Para livrar a todos os homens do que lhe deviam por seus pecados, tomou os pecados de todos sobre si, e lançou-os às suas próprias costas. É proposição de fé definida pelo primeiro pontífice da Igreja: *Qui peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum* (1 Pdr. 2,24): Quando Cristo levou a cruz às costas - diz S. Pedro - levou sobre a mesma cruz todos os nossos pecados, para pagar por eles. - Daqui se entenderá de passagem a razão por que Cristo ajoelhou com o peso da cruz, e o Cirineu a levou tão facilmente. Porque o Cirineu levava a cruz sem os pecados, e Cristo levava os pecados sobre a cruz. E não é muito que o peso dos pecados fizesse ajoelhar a Deus, se o fez morrer.

Morreu, enfim, Cristo na cruz, e nela, assim como com a morte pagou as dívidas dos nossos pecados, assim com o sangue apagou as escrituras por que estáva-mos obrigados às mesmas dívidas. Não é consideração minha, senão testemunho autêntico de S. Paulo, ou revelação de Cristo por boca do mesmo apóstolo: *Delens quod adversus nos erat chirographum, et affigens illud cruci* (Col. 2,14). Quer dizer que apagou Cristo na cruz as escrituras de nossos pecados, e que, assim apagados, as pregou nela. - E se alguém me perguntar que escrituras são estas, pelas quais estamos obrigados às dívidas de nossos pecados, respondo que aludiu S. Paulo a um grande secreto da providência e justiça divina, metafórico mas verdadeiro, e é que todas vezes que o homem peca - sem nós o sentirmos, nem sabermos como - escreve cada um nos livros de Deus o seu pecado como devedor, e por esta escritura fica obrigado à dívida e à paga dela. Assim a declara Orígenes, como tão versado nas letras sagradas: *Unusquisque enim nostrum, in his quae deliquit, debitor efficitur, et peccati sui literas scribit* (10). - Estas são as escrituras que Cristo apagou com o seu sangue na cruz, e estas as dívidas dos pecados que tomou sobre si, pagando umas, e apagando outras: *Delens quod adversus nos erat chirographum*. - E como, pela paciência de Cristo e pelo que ele padeceu por nós, se pagam as dívidas e se apagam as escrituras de nossos pecados, quem estiver tão saneado nos livros de Deus quando for chamado a dar contas, como as não há de dar boas?

IV

Isto é o que digo que alcançamos por meio das contas do Rosário. Mas contra esta grande proposição se oferece uma grande dúvida. A paciência de Cristo, e o que ele padeceu, foi geral para todos; e para lograr os frutos desta sua paciência, não basta que fosse sua, é necessário que seja também nossa. Isso quer dizer, com singular energia, aquele *in me*. Não basta que Cristo tivesse paciência, e padecesse: *Patientiam habe* - mas é necessário que essa paciência se passe a nós - *in me* - e que seja, e a façamos também nossa. Logo, resta o ponto principal e mais dificultoso, que é mostrar como por meio do Rosário fazemos nossa a paciência e paixão de Cristo, e com ela, com cabedal nosso, pagamos as dívidas de nossos pecados: *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi*. - Torno a dizer que, bem apertadas as contas do Rosário tudo isto fazem. Para fazermos nossos os efeitos da paciência, paixão e morte de Cristo, aponta e requer S. Paulo duas condições: a primeira, a memória: *In meam commemorationem*(11); a segunda, a compaixão: *Si tamen compatimur*(12). - De maneira que a nossa memória faz nossa a sua paixão, e a nossa compaixão faz nossa a sua paciência. E tudo

isto é o que faz o Rosário, ou nós fazemos nele, porque o Rosário mental, ou a meditação do Rosário, não é outra coisa senão uma memória afetuosa e compassiva do que Cristo sofreu por nós.

Ao Diviníssimo Sacramento do altar canta a Igreja: *O sacrum convivium in quo Christus sumitur*(13). E logo, declarando o que Cristo ali faz da sua parte, e nós da nossa, diz que nós repetimos a memória de sua paixão, e ele nos dá a graça, e a glória, e a si mesmo em penhor dela: *Recolitur memoria passionis ejus, mens impletur gratia, et futurae gloriae nobis pignus datur*(14). - Eu não me admiro que a cruz de Cristo seja uma árvore tão alta que, tendo as raízes e o tronco na terra, chegue com os ramos ao céu, e lá dê os seus frutos, mas é excesso digno de toda a admiração que, para nós colhermos os frutos da sua paciência, bastem só as atenções da nossa memória. O fruto principal da paciência e paixão de Cristo é o perdão dos pecados, que consiste na graça, e o prêmio da graça, que consiste na glória, uma e outra adquirida com sua morte e comprada com seu sangue; e sendo esta dívida verdadeiramente infinita, que nos não peça Cristo em paga dela mais que a nossa memória: *Recolitur memoria passionis ejus?* - Aqui veremos a conta em que Deus tem as contas do Rosário. O primeiro ato da meditação do Rosário não é mais que uma memória repetida do que Cristo fez e sofreu por nós; e estima Deus tanto a repetição desta memória, que nos dá por ela o preço de toda a sua paixão. Cristo entra com a sua paixão, e nós com a nossa memória; mas é muito para notar que nós entramos como quem paga, e Cristo como quem deve. Provo. Porque o mesmo Cristo se nos dá por penhor a si mesmo: *Nobis pignus datur* - e quem dá os penhores é o que se confessa por devedor. Logo, se entrando Cristo com a paixão da sua cruz, e nós com a memória do nosso Rosário, nós entramos como quem paga, e Cristo como quem deve, vejam os que levam as suas contas no Rosário se as darão boas e mais que boas, quando lhas pedirem.

Cumprida a primeira condição, da memória, segue-se a segunda, da compaixão: *Si tamen compatimur* (Rom. 8,17). - Mas, assim como o primeiro ato da meditação do Rosário é lembrarmos do que Cristo sofreu por nós, assim o segundo, e mais afetuoso, é compadecermos-nos de suas penas. S. Paulo, a quem podemos chamar de Apóstolo da Paixão, porque sempre pregava a Cristo crucificado, o que nos pede em agradecimento dela é que sintamos em nós o que Cristo sentiu em si. Isto significam aquelas palavras: *Hoc enim sentite in vobis, quod et in Christo Jesus, id est, quod Christus Jesus in se ipso sensit*(15). - Assim o declara com maior expressão o texto siríaco, e assim o faz o Rosário mental, cuja memória não é só especulativa e seca, mas prática, compassiva e sentida. Sentimos em nós e em Cristo o que ele sentiu em si e por nós. E que se segue daqui? Segue-se que, compadecendo-nos das suas penas, as fazemos nossas. Assim o diz o mesmo apóstolo. No tempo da primeira perseguição da Igreja, uns cristãos estavam presos para o martírio, outros estavam livres; e diz S. Paulo, com autoridade do Espírito Santo, que os de fora eram companheiros dos mesmos trabalhos com os de dentro. E por quê? Porque os de dentro padeciam em si, e os de fora compadeciam-se deles: *In altero autem socii taliter conversantium effecti, nam et vinctis compassi estis*(16). - Notável razão outra vez: *Nam et vinctis compassi estis*. - Campadecei-vos do que padecem os mártires, pois sois companheiros do seu martírio, e tão mártires como eles. Porque, eles sendo atormentados, padecem as suas penas, e vós, compadecendo-vos deles, fazeis as suas penas vossas, Tal é, e nada menor, a energia literal daquela razão: *In illis vos passi estis, quia ipsorum aerumnas et passiones per compassionem vestras fecistis*(17) - comenta o A Lápide. - E se a paixão e a compaixão reciprocamente de tal sorte as penas, que as que são próprias de quem sofre, quem se compadece as faz suas, daqui se segue que a paixão de Cristo na cruz, e a nossa compaixão do Rosário, ou são dívida comum, ou paga comum. Se são paga, não devemos; se são dívida, não temos que pagar, porque, encontrando uma dívida com a outra, ficam as contas ajustadas, e de qualquer modo as damos boas.

Há mais dúvida contra o Rosário? Ainda resta uma neste ponto que mais parece por ele. Os mistérios do Rosário não são só os dolorosos, senão também os gozosos e os gloriosos: logo quem só disse *patientiam habe in me*, parece que disse pouco. Não disse pouco, mas quando o dissera, ainda ficava mais seguro ao Rosário o dar boas contas, porque das três partes do cabedal lhe sobejam duas. Não é menor satisfação das obrigações o *gaudere cum gaudentibus* que o *flere cum flentibus*(18). Se nos mistérios dolorosos nos doemos com Cristo de suas dores, nos gozosos nos gozamos de seus gostos, e nos gloriosos nos gloriamos de suas glórias, e tudo isto acresce à satisfação das dívidas. Mas

o certo é que, quem disse somente *patientiam habe in me*, não disse pouco, antes compreendeu tudo. Não só padeceu Cristo nos mistérios dolorosos, mas também aos gozosos e gloriosos se estendeu a sua paciência, porque nem os gozosos nem os gloriosos, que é mais, foram em Cristo isentos de cruz: *Qui vult venire post me, tollat crucem suam, et sequatur me* (Mat. 16,24): Quem quiser vir após mim - diz Cristo - tome a sua cruz às costas, e siga-me. E quando pregou o Senhor este desengano, ou quando lançou por si mesmo este famoso pregão, e onde? Porventura em Jerusalém, no dia de sua paixão, quando ia com a cruz às costas? Não, senão dois anos antes, como consta da cronologia dos evangelistas. Pois, se Cristo ainda não tinha tomado a sua cruz às costas, como diz que a tomem todos os que o quiserem seguir? O texto de S. Lucas ainda aperta mais a dúvida, porque diz: *Tollat crucem suam quotidie* (Lc. 9, 23): Tome a sua cruz às costas todos os dias. - Pois, se Cristo não tomou a sua cruz às costas mais que um só dia, como diz aos que o quiserem seguir que a tomem a seu exemplo todos os dias: *Tollat crucem suam quotidie, et sequatur me?* - A resposta parece dificultosa, mas é muito clara, porque Cristo em todos os dias de sua vida nenhum teve em que não trouxesse às costas a sua cruz. Assim o fadou desde o berço o profeta Isaías, que logo ali, quando o anunciou nascido, no-lo deu também menino, mas já com a cruz aos ombros: *Puer natus est nobis, et filius datus est nobis, cujus imperium super humerum ejus*(19). -Não só desde Belém até o Calvário, mas de Belém até o céu, sempre Cristo, e sempre com cruz. Com cruz nos mistérios dolorosos, com cruz nos gozosos, e com cruz até nos gloriosos, que por isso levou ao céu as chagas, e de lá há de trazer a cruz.

A razão por que Cristo reservou as suas chagas, e as levou ao céu, foi para sempre estar alegando por nós, e com elas, presentando-as a seu Eterno Padre com justo e superabundante preço de nossos pecados. Isto dizem comumente os santos; e bastava que o ajustamento das nossas dívidas tenha tão bom procurador, e com o preço de contado, e em tão boa moeda, para que saíamos bem das contas. Mas S. João Evangelista, que, como águia, sempre voa por cima de todos, ainda o disse com mais alto pensamento: *Haec scribo vobis, ut non peccetis. Sed et si quis peccaverit, advocatum habemus apud Patrem, Jesum Christum justum* (1 Jo. 2,1): Dou-vos estes documentos - diz o evangelista na sua primeira epístola - para que não pequeis; mas, se algum pecar, advogado temos diante da Padre, Jesus Cristo justo. Notáveis palavras, e é lástima que se não tenha reparado nelas o que mais se deve notar. Anima S. João aos que pecarem com a confiança de que têm no céu a Cristo, que é advogado justo. E que importa que o advogado seja justo, se o réu é pecador? Se um réu fosse acusado de ladrão, ou de homicida, ou de perjuro, seriam boas contraditas do advogado que o defendesse, dizendo: Provará que o advogado do réu não furtou, proporá que o advogado do réu não matou, provará que o advogado do réu não jurou falso. Pois, se este modo inaudito de advogar seria uma coisa ilusória, e mais de riso que de defesa, como nos anima S. João com dizer que, se pecarmos, o nosso advogado é justo? Que importa que o meu advogado seja justo e inocente, se eu sou culpado?

Importa tanto quando o advogado é Cristo, quanto vai de ser culpado a ser justo. E por quê? Porque Cristo não nos livra pela nossa justiça, senão pela sua. Divinamente S. Paulo, como se o apóstolo comentara o evangelista: *Qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit, ut nos efficeremur justitia Dei in ipso*(20). Cristo, sendo justo, fez-se pecador com os nossos pecados, para que nós, sendo pecadores, ficássemos justos com a sua justiça. E como os réus para com Deus se fazem justos, não pela justiça própria, senão pela do seu advogado, Cristo: *Ut efficeremur justitia Dei in ipso* - por isso S. João anima aos que pecarem com a confiança de que o seu advogado é justo: *Et si quis peccaverit, advocatum habemus Jesum Christum justum*. - Esta é a justiça que ele alega no céu, oferecendo a seu Padre em paga das nossas dívidas o preço de suas chagas; e esta é a que nós alegamos em todo o Rosário, oferecendo, com as mesmas cinco chagas, não só os cinco mistérios dolorosos, mas também os cinco gozosos e os cinco gloriosos, em que nós temos tanta parte de justiça, como Cristo teve de paciência. E por isso, tão confiados de dar boas contas, como quem só pediu a mesma paciência para as suas: *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi*(21).

V

Até aqui temos visto, na parte mental do Rosário, a primeira indústria com que o servo do rei, alcançado nas contas, as deu boas. Passemos agora à parte vocal, e nela acharemos a segunda, se na

eficácia igualmente poderosa, na facilidade mais pronta. Foi tão grandioso o rei - como quem representava a Deus - que vendo o servo a seus pés, lhe perdoou graciosamente toda a dívida. E por que motivo, que não devia ser pequeno, sendo a indulgência tão grande? O mesmo rei o declarou: *Omne debitum dimisi tibi quoniam rogasti me* (Mt. 18,32): Perdoei-te a tua dívida, só porque me rogaste.-Não há motivo mais eficaz para Deus perdoar que, da nossa parte, o rogar. Isto é o que fazemos em ambas as orações do Rosário vocal. No Padre-nosso rogamos a Deus que nos perdoe as dívidas de nossos pecados: *Dimitte nobis debita nostra*; na Ave-Maria rogamos à Mãe de Deus que rogue por nós pecadores: *Ora pro nobis peccatoribus*. - E para que vejamos com os olhos esta grande eficácia do rogar, combinemos este mesmo passo em que estamos com outro do mesmo gênero de rei a rei, de servo a servo, e de talento a talentos.

Fazendo uma jornada larga este mesmo rei, encomendou certa quantia de talentos a vários servos seus, e a um deles um só talento. O intento era para que os servos, em sua ausência, negociassem com este cabedal, que é a segunda razão de o rei ser tão poderoso e tão rico. Rei e reino sem comércio, ou com o comércio desfavorecido, nunca será opulento. Tornou da jornada o rei, e como ele por si mesmo tomava as contas da sua fazenda, chegando ao servo a quem encomendara um só talento, achou que o tinha muito bem guardado, mas que não tinha negociado com ele. E como o tratou? Não só o repreendeu áspera e afrontosamente, mas, privado do talento e do ofício, o lançou do seu serviço. Ponhamos agora um caso à vista do outro. Se no primeiro caso este mesmo rei perdoa tão facilmente a um servo que lhe tinha roubado dez mil talentos, a estoutro servo, que lhe não tinha roubado o talento, que era um só, antes o tinha muito bem guardado, por que o castiga tão asperamente, só por lhe faltar com a ganância? A razão consta do texto. Porque o primeiro servo rogou, o segundo não rogou. O primeiro pediu perdão do seu roubo, o segundo não pediu perdão do seu descuido. E vai tanta diferença diante de Deus de quem roga a quem não roga, que a quem roga perdoa o roubo de dez mil talentos, e a quem não roga nem a ganância de um só talento perdoa. Julgai agora se aos que rezam o Rosário, e tantas vezes o rogam e lhe pedem perdão das suas dívidas cada dia, se lhas levará em conta.

O perdoar em Deus é ato da sua misericórdia, e, dando-lhe Davi as graças de lhe ter perdoado seus pecados, diz assim: *Benedictus Deus, qui non amovit orationem meam, et misericordiam suam a me* (Sl. 65, 20): Bendito sejas, Senhor, que não apartastes de mim a minha oração nem a vossa misericórdia. - Só Davi, que o soube dizer, pudera ponderar dignamente este admirável epifonema com que acaba o salmo sessenta e cinco. De maneira que, quando pedimos perdão a Deus de nossos pecados, e ele no-los perdoa, primeiro lhe havemos de dar as graças da nossa oração que da sua misericórdia? Sim. Porque anda tão atada a misericórdia com que Deus nos perdoa à oração com que nós o rogamos que, quando nos concedeu a oração para o rogarmos, já nos segurou a misericórdia com que nos perdoa: *Non amovit orationem meam, et misericordiam suam a me*. - Não se deixe passar sem reparo a propriedade da palavra *non amovit*: não apartou de mim a minha oração, nem a sua misericórdia. E por que diz *non amovit*, não apartou? Porque quando Deus aparta de nós a sua misericórdia, porque não nos quer perdoar primeiro, aparta de nós a nossa oração por que o não possamos rogar. Excelente e formidável prova no profeta Jeremias. Três vezes, em três capítulos diferentes, diz Deus ao profeta Jeremias estas mesmas palavras: *Noli arare fro fofulo isto: Não queiras orar por este povo*. - *Noli orare pro populo isto: Não queiras orar por este povo*. - *Noli orare pro populo isto: Não queiras orar por este povo* (22). - E por que com tantas repetições e tantas cautelas? Porque Deus, como consta dos mesmos lugares, tinha decretado definitivamente de não perdoar ao povo, e de o castigar sem remédio; e como tinha apartado dele a misericórdia, era necessário apartar também dele a oração. Se Jeremias chegasse a rogar, sabia Deus de si que não podia deixar de perdoar; pois, tape-se-lhe a boca uma, duas, e três vezes à oração, para que não possa rogar. Oh! que consolação tão grande para os devotos do Rosário, que tantas vezes repetem as suas orações cada dia! E que desconolação, pelo contrário, tão tremenda para os que as não tomam na boca? Os que oram, quer-lhes Deus perdoar, os que não oram, parece que não quer.

Certo que não sei que conta lhe fazem, nem que conta esperam de dar a Deus os que, tendo tantas dívidas quantos são os pecados, se não valem dos tesouros da misericórdia divina, cuja chave é a

oração. O servo, alcançado nas contas, porque se viu sem cabedal para a paga: Cum non haberet unde redderet (Mt 18,25)- recorrendo à misericórdia do rei, supriu a falta do que não tinha com o perdão da dívida que alcançou. Tão facilmente paga quem deve a Deus, e tanto valor tem diante da suprema majestade o rogar Quem não tem, roga. E o mesmo não ter nos deve dar maior confiança para orar a Deus, porque o rogar e não ter é orar duas vezes. Onde o nosso texto lê: Desiderium pauperum exaudivit Dominus(23) diz o original hebreu, com maior energia: Vacuitatem pauperum - que ouviu Deus o não ter dos pobres. - Se Deus ouve o não ter, parece que o não ter também tem voz? Para os ouvidos de Deus sim, porque tanto ouve Deus os silêncios do não ter como as vozes do orar. Quem ora roga uma vez; quem ora, e não tem, duas: Quoniam rogasti me(24) - foi uma oração do servo; Cum non haberet unde redderet(25) - foi outra; e porque se ajuntaram ambas, por isso impetraram com tanta eficácia.

Daqui se entenderá aquele singular reparo com que Davi celebra a providência e piedade de Deus no sustento dos filhinhos dos corvos: Qui dat jumentis escam ipsorum, et pullis corvorum invocantibus eum (Sl. 146, 9): Deus - diz o profeta- não só sustenta os animais da terra e as aves do ar, senão também os filhos dos corvos que o invocam. - Nesta última exceção está o reparo. Se Deus sustenta igualmente a todos os animais, assim da terra como do ar, e no número das aves entram também os corvos, que mais têm não eles, senão os seus filhos, para que só destes se diga que invocam a Deus: Et pullis corvorum invocantibus eum? - Sabeis o que têm de mais? Têm o não ter. Os filhos dos animais da terra, em nascendo, têm aparelhado o pasto; os das aves têm o cuidado dos pais, que lho buscam e trazem ao ninho: só os dos corvos carecem de tudo isto. S. Gregório e Santo Tomás dizem que os corvos não acodem ao sustento dos filhos, porque ainda os não vêem vestidos das penas negras como as suas. E não será a primeira vez no mundo em que mais se reconhecem os parentescos pelo vestido que pelo sangue. Aristóteles e Eliano dizem que é pela crueldade natural do corvo, ou pelo seu esquecimento, também natural, que não é menor crueldade. Mas sejam estas ou qualquer outra a verdadeira causa, o certo é que os filhinhos dos corvos naqueles dias nem têm sustento com que se alimentar, nem têm pais que lha procurem, nem têm outro remédio para a vida. E porque são singulares neste não ter, por isso também singularmente se diz deles que, sendo irracionais, invocam a Deus e lhe fazem oração, porque aquele mesmo não ter é orar: Et pullis corvorum invocantibus eum.

E se isto fazem aqueles animalinhos sem uso de razão, nós, que igualmente conhecemos as nossas dívidas e o nosso não ter, por que não ajudaremos com ele a eficácia de nossas orações? E por que não teremos grande confiança que nos acudirá nesta falta aquela imensa bondade, que acode à dos corvos? Piores são que os corvos os que tiram os olhos aos homens pela paga do que lhes devem, e se sustentam e crescem com as usuras do alheio; e, contudo, Cristo, Senhor nosso, diz que tendo um destes usurários dois devedores, um que lhe devia cinquenta dinheiros, e outro quinhentos, a ambos perdoou toda a dívida. E por que motivo? Sem nenhum outro motivo nem intercessão, senão porque não tinham com que pagar: Non habentibus illis unde redderent, donavit utrisque(26). - Pois, se a razão somente de não ter move tanto as entranhas do maior avarento, quanto mais as da misericórdia e liberalidade divina? Conheçamos pois diante de Deus a miséria do nosso cabedal, e que não temos com que pagar as dívidas de nossos pecados, e logo, prostrados diante do tribunal de sua infinita misericórdia, digamos uma e muitas vezes, como fazemos no Rosário: Dimitte nobis debita nostra: - e desta maneira, suprindo a paga com o perdão, não poderão deixar de ser muito ajustadas as contas que lhe dermos. É verdade que todas as nossas dívidas estão lançadas nos livros de Deus, como acima dissemos; mas, como diz S. Bernardo, também Deus tem outro livro, em que manda lançar as nossas orações, porque melhor que nós conhece o preço delas: Nemo vestrum, frates, parvi pendat orationem suam, quia ipse ad quem oramus, non parvi pendit eam. Priusquam egressa sit de ore nostro, ipse scribi jubet eam in libro suo(27): Irmãos - diz S. Bernardo - nenhum de vós faça pouca conta das suas orações, porque aquele mesmo Senhor a quem oramos, faz tanta conta delas, que, primeiro que saiam da nossa boca, as manda escrever no seu livro. - E se quando Deus nos tomar contas, defronte do livro das dívidas aparecer o das nossas orações, sem duvida ouviremos da boca do mesmo Deus o que ouviu o servo da boca do rei: Omne debitum dimisi tibi quoniam rogasti me(28).

VI

E se os rogos e orações do servo - tiremos nós agora a conseqüência - se os rogos e orações do servo tanto alcançam da liberalidade do Senhor, os rogos e orações da Mãe quanto alcançarão da piedade do Filho? Quando rezamos o Rosário, depois que uma vez rogamos a Deus que nos perdoe as nossas dívidas: *Dimittite nobis debita nostra* - logo na Ave-Maria rogamos dez vezes à Mãe de Deus que rogue e interceda por nós: *Ora pro nobis peccatoribus* - fiando dez vezes mais da sua intercessão que da nossa oração. E note-se que a Deus pedimos nos perdoe as nossas dívidas, que são os nossos pecados, e à Mãe de Deus pedimos que rogue por nós, não como enfermos, ou como pobres, ou como necessitados de qualquer outro remédio, senão só como pecadores -*pro nobis peccatoribus* - porque só aqui está o perigo, e só este deve de ser o nosso cuidado e o nosso temor, que tudo o demais importa pouco.

Com quanta razão, pois, insistimos tanto e tão repetidamente no Rosário em implorar a intercessão da Virgem, Senhora nossa, se eu agora me pusesse a o provar ou persuadir geralmente, seria matéria infinita. Pelo que, reduzindo-a toda aos termos precisos em que estamos, digo que neles mais particularmente devemos pôr toda a nossa confiança na intercessão da mesma Virgem Maria. E por quê? Porque, sendo o nosso requerimento perdão de dívidas, se nós somos devedores a Deus, Deus também é devedor à nossa intercessora. O primeiro que saiu à luz com este altíssimo pensamento, depois seguido de todos, foi o antiquíssimo S. Metódio, o qual, falando com a mesma Senhora, lhe diz assim: *Euge, quae debitorum habes eum qui omnibus mutuatur: Deo enim universi debemus, tibi autem etiam ille debet*(29): Para bem vos seja, Virgem poderosíssima, o ser vosso devedor aquele que dá tudo a todos, porque todos devemos a Deus, e a vós até o mesmo Deus deve. - E que deve Deus à Virgem Maria? Deve-lhe o ser humano, o qual Deus dantes não tinha, e só o teve - diz o mesmo santo - depois que vós, Senhora, lho emprestastes: *Tu enim admirabilem incarnationem, quam aliquando non habuit, Deo mutuo dedisti*(30). - Emprestando, diz, e não destes, com grande energia Metódio, porque o que se dá faz obrigado, o que se empresta, devedor. Nem se pode responder que este empréstimo o pagou logo Deus de contado à mesma Senhora, dizendo que, se ela deu a Deus o ser de homem, ele lhe deu o ser Mãe de Deus, porque o mesmo ser Mãe é dívida que sempre se deve e nunca se paga. Por isso disse Aristóteles que, entre todas as dívidas, só há uma que se não pode pagar, que é a que devem os filhos aos pais, porque deles receberam o ser. Sendo, pois, Deus devedor à sua Mãe, e nós devedores a Deus, que melhor intercessora podemos ter para o perdão das nossas dívidas que a única acreedora de quem Deus é devedor? Pedir a quem me deve, mais é demandar que pedir.

Mas não param aqui os motivos da nossa confiança. Ainda se ajunta a eles outro nada menor no mesmo gênero, porque se Deus é devedor à sua Mãe, sua Mãe é- nos devedora a nós. E porque título? Por dois. O primeiro, o mesmo que nós alegamos quando dizemos: *Ora pro nobis peccatoribus* - porque, se nós não fôramos pecadores, não fora a Virgem Maria Mãe de Deus. O segundo, pela caridade maternal da mesma Senhora, com que ela se fez devedora de todos os homens, sem excluir a nenhum: *Maria omnibus sapientibus, et insipientibus copiosissima charitate debitorum se fecit*(31) - diz S. Bernardo. - De maneira - recolhemos agora tudo - de maneira que nós somos devedores a Deus, Deus é devedor a sua Mãe e sua Mãe é devedora a nós. Nós devedores a Deus: *Dimittite nobis debita nostra*; Deus devedor à sua Mãe: *Deus etiam tibi debet*; sua Mãe devedora a nós: *Omnibus debitorum se fecit*. - E que se segue daqui? Que nem a Virgem pode deixar de pedir o nosso perdão, porque nos é devedora; nem Deus lhe pode negar o perdão, porque lhe é devedor; nem nós, alcançando o perdão, devemos outra paga a Deus, de quem éramos devedores. Os antigos fingiam três deusas, a que chamaram Graças, as quais com as mãos dadas entre si em um triângulo, uma pedia, outra dava, outra pagava. E as três Graças, que lá eram fabulosas, aqui são verdadeiras. A Mãe pede, o Filho dá, e nós pagamos. E se o perdão das dívidas é paga equivalente, sendo chamados à conta os devotos do Rosário com as dívidas pagas, vede se darão boas contas.

Mas ainda nesta soma não entram as outras dívidas que Deus deve a sua Mãe e nós lhe oferecemos no Rosário. Em todos os mistérios do Rosário nenhum há em que Deus não devesse a sua Mãe, ou sua

Mãe não obrigasse a Deus com alguma grande dívida. Na Encarnação, não falando no ser que lhe deu, deveu Deus a sua Mãe a morada de nove meses dentro em suas entranhas. Na Visitação, a diligência do caminho, e a aspereza dele. No Nascimento, o leite dos peitos virginais, as faixas em que o envolveu, e as palhinhas do berço. Na Apresentação ao Templo, a obediência, a oferta, e a espada de Simeão. No desaparecimento em Jerusalém, o susto, as ânsias e aflições de três séculos em três dias. Na agonia e prisão do Horto, a consideração e a ausência. Nos açoites e na coroação, a presença e a vista. Nos passos da cruz às costas, o peso de a não levar, e a companhia. No Calvário, a cruz de ambos, na morte, o ficar com a vida, no descendimento, os braços, e no enterro, a sepultura. Na Ressurreição, a alegria. Na Ascensão, as saudades. Na vinda do Espírito Santo, os excessos do amor. E na mesma Assunção e Coroação, em que parece que pagou o Filho à Mãe todas as dívidas, também lhe ficou novamente devedor, porque ela só lhe fez maior teatro no céu que todos os bem-aventurados juntos, e porque, antes da glorificação da Mãe, nem o Filho esteve inteiramente glorificado, como bem ponderou Guerrico Abade: *Nec satis glorificatus mihi videbor, donec tu glorificeris*(32). - Some agora todas estas dívidas a mais rigorosa aritmética, multiplicando umas, e diminuindo outras, e depois de contadas nos mistérios do Rosário as que Deus deve à sua Mãe, e descontadas pelo mesmo Rosário as que nós devemos a Deus, quão certo seja que no encontro de umas e outras contas as daremos boas, não quero que o conjecture o nosso discurso, mas que a mesma Senhora do Rosário nolo ensine e demonstre.

VII

Houve um mercador, grande usurário, chamado Jacó. Não dizem os anais dominicanos em que terra fosse, mas mercador e Jacó bem se deixa ver de que nação seria. Esta circunstância, porém, para com a Mãe daquele Filho, que também é filho de Davi e filho de Abraão, nenhuma diferença faz entre os homens. Cada um diante de Deus não é da língua que fala, senão da fé que professa: *Non est distinctio Judaei et Graeci*(33). - Era Jacó cristão na fé, mas mau cristão na vida, porque a trazia engolfada nas ondas, e embaraçada nas redes daquele mar, em que se pesca a fazenda alheia e não se lava a consciência própria. Tinha contudo uma boa parte, que era ser muito devoto do Rosário, o qual rezava todos os dias. E como cada década do Rosário consta de dez Ave-Marias e um Padre-nosso, cada dia oferecia a Deus quinze onzenas o mesmo que rouba-va aos homens com as suas usuras. O maior privilégio que Deus concede aos esmoleres, e aos que emprestam o seu dinheiro sem interesse, é que disporão as suas contas antes de as darem em juízo. Assim o promete expressamente o mesmo Deus por boca de Davi: *Jucundus homo qui miseretur et commodat, disponet sermones suos in judicio*(34) onde o texto grego lê: *disponet rationes suas*. - E é coisa maravilhosa que alcance um onzeneiro o que Deus promete ao esmoler, e que haja de gozar o que não empresta um real sem usuras o privilégio dos que emprestam de graça! Mas estes são os poderes do Rosário. Estava Jacó rezando o seu Rosário um dia, quando ouviu uma voz que lhe dizia, chamando-o por seu nome: *Jacobe, redde rationem Filio meo*: Jacó, dá conta a meu Filho. - A meu Filho, disse, para que entendesse Jacó que a voz que lhe falava era da Mãe do supremo Juiz, a Virgem, Senhora nossa. Ouvindo aquela voz como se fora um trovão do céu, ficou tremendo o devoto usurário, diz a história, mas como tinha mais entranhada a cobiça que a devoção, ainda que mudou e melhorou em parte a vida, não restituiu o que devia. Quando S. Paulo pregou ao presidente Feliz a fé do dia do Juízo, diz o texto sagrado que Feliz ficou tremendo: *Disputante autem illo de judicio futuro, tremefactus Felix*(35). - E quais foram os efeitos deste tremor? Disse a S. Paulo que outro dia falariam, e – acrescenta S. Lucas - *Sperans, quod pecunia ei daretur a Paulo*(36): que o intento do presidente não era para que S. Paulo lhe tornasse a falar na conta, senão para que o peitasse com algum dinheiro. Pois, homem, não Feliz, mas mal-aventurado, tremes da conta que hás de dar a Deus, e ainda te lembras de adquirir dinheiros injustos? Tão dificultosa é de arrancar a cobiça onde tem lançado raízes!

Adoeceu mortalmente Jacó, mas nem com se ver às portas da morte acabava de restituir. Senão quando, em um paracismo, se achou subitamente diante do tribunal divino, não morto, senão vivo. Este foi o segundo privilégio ou milagre do Rosário, em que se dispensou com Jacó nas leis universais de todo o gênero humano: *Statutum est hominibus semel mori, post hoc autem judicium*

(Hebr. 9,27): O estatuto universal de Deus é que todos os homens morram uma só vez, e depois da morte dêem conta em juízo- e aqui se dispensou e trocou esta ordem com este homem, sendo tão mau homem, porque foi levado a juízo, não depois da morte, senão antes. E pararam aqui os milagres do Rosário? Não, porque ainda restava o terceiro, e maior, e mais importante de todos. Assistia ao pé do trono de Cristo S. Miguel, com as balanças na mão, porque as contas ali não se dão por cifras, senão por peso. E como de uma parte se pusessem os pecados, que eram muitos e gravíssimos, e da outra não houvesse boas obras, nem inteira penitência que suspendesse o peso deles, caiu a balança para a parte esquerda, e, sem o juiz pronunciar a sentença, se deu o miserável Jacó por condenado. Miserável lhe chamei, não me lembrando já que era devoto do Rosário. Mas, como os seus poderes nunca faltam nos maiores apertos, assim se viu neste último por mais que parecesse desesperado. Não teve tino Jacó para invocar naquele transe a Virgem Santíssima, mas, lembrada a Senhora de quantas vezes lhe tinha ouvido: Ora pro nobis peccatoribus nunc, et in hora mortis nostrae - na mesma hora, posto que não invocada, lhe acudiu com o Rosário na mão, e, pondo-o na parte direita da balança, como nele iam os merecimentos de seu Filho, e seus, pesou mais que todos os pecados da parte esquerda. Neste ponto acordou do paracismo Jacó, e como Deus, ainda quando perdoa as suas dívidas, não perdoa as que se devem aos homens, nem basta rezar o Rosário sem restituir o alheio, este foi o último e maior milagre do mesmo Rosário, fazer que o usurário avarento restituísse o que devia. Satisfeitas, pois, as dívidas dos homens, e perdoadas as de Deus, morreu Jacó; e onde iria a sua alma? O primeiro Jacó viu a primeira escada, mas não subiu por ela. O segundo Jacó mereceu ver a segunda, que é a Virgem Maria, e, subindo pelos quinze degraus do seu Rosário, entrou pelas portas do céu, de onzeneiro, justo, de condenado, absolto, de pecador, inocente, e de abominado entre os homens, glorificado entre os anjos. E neste grande caso se verificaram as duas partes do nosso discurso, ficando para a imitação por exemplo, e para a memória por provérbio: que quem quiser dar boas contas a Deus, reze pelas do Rosário.

Os provérbios, que são evangelhos humanos, fê-los a experiência, e conserva-os a prudência para doutrina e direção da vida, e não para descuido, como acontece aos néscios, senão para cautela. E este é o fim do que por tantos meios deixamos provado na matéria de maior importância. Entre, pois, cada um em si, e pergunte à sua própria consciência: se Deus o chamasse no estado presente para a conta, qual lhe daria? Dos verdadeiros devotos do Rosário, que são os que o rezam e meditam atentamente, bem creio eu que, exceto o caso de alguma desgraça, em que tão raro é o cair como fácil o levantar, todos os mais se acharão com as suas contas tão ajustadas que as darão muito boas. E a estes somente advirto que dêem infinitas graças a Deus e a sua Santíssima Mãe por tão singular mercê, por que lhes não aconteça como ao servo do Evangelho, que, por ingrato, veio a perder o mesmo perdão, e tornou de novo a contrair toda a dívida, e a pagou sem remédio.

Aqueles, porém, que se não acharem em estado de dar boas contas, considerem que nas Ave-Marias, que só rezam de boca, quando dizem: Nunc, et in hora mortis nostrae - o hora mortis, e o nunc, tudo pode vir junto. Dizemos, agora, e na hora da nossa morte, e se a hora da nossa morte for o agora? Se a hora da morte não for hora, senão este mesmo momento, como acontece aos que morrem subitamente, ou subitamente perdem os sentidos, sem tempo, nem lugar de arrependimento, que contas podem estes dar, ou que se pode esperar deles? Logo, dirá alguém, não é verdadeiro o provérbio que os que rezam o Rosário, darão boas contas a Deus? Sim é, se o rezar o Rosário for também verdadeiro. Porque ninguém há que verdadeiramente reze o Rosário que nele e nos seus mistérios não considere o muito que deve a Deus, e lhe não peça perdão de suas dívidas, como pediu o servo do rei, que para a sua misericórdia isso basta.

Se o usurário que não rezava o Rosário como devia morrera do mesmo modo, também se havia de condenar. Mas o princípio e fundamento do milagre, e a primeira parte da misericórdia que a Virgem, Senhora nossa, usou com ele, foi lembrar-lhe em vida e em saúde a conta que havia de dar a seu Filho: *Jacobe, redde rationem Filio meo.* - O mesmo nos está bradando a cada um de nós a mesma Senhora, todas as vezes que tomamos as contas na mão, nomeando-nos por nosso próprio nome: Homem, mulher, moço, velho, oficial, ministro, vassalo, rei, não te lembres de mim só por costume, quando passas pelos dedos essas contas, mas lembra-te da conta que hás de dar a meu Filho. Por meio

desta lembrança e deste cuidado é que as contas do Rosário farão que as demos boas a Deus, não só alcançando perdão das dívidas passadas, mas abstendo-nos de contrair outras de novo, ofendendo, como o servo ingrato, a tão benigno e liberal Senhor.

Ninguém se viu em mais apertada ocasião e tentação de ofender a seu Senhor que José; e por que se conservou fiel, e resistiu tão constantemente? Diz o texto sagrado que José se tinha recolhido ao seu aposento para tratar um negócio absque arbitris (Gên. 39,11): só consigo. E acrescentam as tradições hebréias que este negócio era rever e recensear as suas contas, como aquele a quem seu senhor tinha entregue toda sua fazenda. Por isso respondeu coerentemente à senhora, que não era possível que ele houvesse de ofender a quem tantas obrigações devia. Assim fala, e assim obra quem tem as suas contas diante dos olhos. E se tanta força tem a consideração de benefícios humanos, qual será a dos divinos, e, entre os divinos, a dos maiores de todos, quais são os que meditamos no Rosário? Retiremo-nos como José, só por só conosco e com as nossas contas - que rezar na conversação, ou pelas ruas, ou entre outros divertimentos, é fazer pouca conta de um exercício tão sagrado, e do mesmo Deus com quem falamos. - Consideremos o que lhe devemos em todos e em cada um dos mistérios que obrou por nós. Peçamos-lhe, com verdadeiro arrependimento, nos perdoe as nossas dívidas, e com firme resolução de não contrair outras. E deste modo podemos estar muito certos de sua misericórdia, que em qualquer hora que nos chamar, e nos pedir, e tomar contas, com o favor e proteção de sua Santíssima Mãe, lhas daremos boas.

(1) O reino dos céus é comparado a um homem rei que quis tomar contas aos seus servos (Mt. 18,23).

(2) Bem-aventurado o ventre que te trouxe, e os peitos a que foste criado (Lc. 11,27).

(3) Eu sou teu servo, e filho da tua escrava (Sl. 115, 16).

(4) Acaso consideraste tu a meu servo Jó (Jó 1,8).

(5) E se quiser disputar com Deus, não lhe poderá responder por mil coisas uma sequer (Jó 9,3).

(6) E tendo começado a tomar as contas, apresentou-se-lhe um que lhe devia dez mil talentos (Mt. 18,24).

(7) A um homem rei, que quis tomar contas aos seus servos, e tendo começado a tomar as contas (Mt. 18,23 s).

(8) Perdoa-nos as nossas dívidas (Mt. 6,2).

(9) Salmeron tom. 7. tract 3.

(10) Origen. Homil 13 in Genes.

(11) Em memória de mim (1 Cor. 11,25).

(12) Se é que todavia nós padecemos com ele (Rom. 8,17).

(13) Ó sagrado banquete em que se come a Cristo.

(14) Repete-se a memória de sua paixão, a alma se enche de graça, e nos é dado um penhor da futura glória.

(15) E haja entre vós o mesmo sentimento que houve também em Jesus Cristo (Flp. 2, 5).

(16) E por outra fostes feitos companheiros dos que se achavam no mesmo estado, porque não só vós compadecestes (Hebr. 10,33s).

(17) Cornel. Ibi.

(18) Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram (Rom. 12,15).

(19) Um pequenino se acha nascido para nós, e um filho nos foi dado a nós, e foi posto o principado sobre o seu ombro (Is. 9,6).

(20) Aquele que não havia conhecido pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nós fôssemos feitos justiça de Deus nele (2 Cor. 5,21).

(21) Tem paciência comigo, que eu te pagarei tudo (Mt. 18,26).

(22) Jer; 14;11:7,16; 11,14

(23) O Senhor ouviu o desejo dos pobres (Sl. 10, 17).

(24) Porque me vieste rogar (Mt. 18, 32).

(25) Como não tivesse com que pagar (Ibid. 25).

(26) Não tendo os tais com que pagar, remitiu-lhes ele a ambos a dívida (Lc. 7, 42).

(27) D. Bern. Serm. 5, in Quadrages.

(28) Eu perdoei-te a dívida toda porque me vieste rogar (Mt. 18, 32).

(29) Method. Sermon. de Purificat. Virg.

(30) Iderm Method. orat. ad Hipap. Dom.

(31) D. Bernard. Serm. 98.

(32) Gueric. Serm. 4, e Assumpt.

(33) Não há distinção de judeu e de grego (Rom. 10, 12).

(34) Ditoso o homem que se compadece e empresta; ele disporá os seus discursos com juízo (Sl. 111,5).

(35) Mas, como lhe falou em tom de disputa do juízo futuro, Feliz, todo atemorizado (At. 24,25).

(36) Esperando que Paulo lhe desse algum dinheiro (Ibid. 26).